

# Antropologia Portuguesa

Volume 18 · 2007

Departamento de Antropologia | Universidade de Coimbra

mentos necessários à apreensão e ao processamento da informação relevante para a resolução dos problemas do nosso passado evolutivo. Estes mecanismos (...) são discretos instrumentos mentais na dependência dos estímulos exteriores mais importantes para a produção de comportamentos adaptativos.” Estas são apenas algumas das muitas frases cujo conteúdo mereceria ser analisado e discutido, o que decerto não caberia numa pequena recensão como esta. Servem apenas para alertar o leitor que este discurso, apesar de convincente, apresenta armadilhas, as chamadas “sobressimplificações” da sociobiologia popular. Fazendo parte de uma colecção intitulada “Darwinismo Hoje”, com o objectivo de divulgar a um público mais vasto “o novo Darwinismo” e a sua aplicação aos problemas comuns, esta obra acaba por denunciar, voluntariamente ou não, um dos pecados mais comuns de que a teoria de Darwin tem sido alvo, o reducionismo. Isto é, quando se substituem as suas complexidades, passando por aspectos incontornáveis da teoria e de fenómenos reais, na ânsia de reduzir, unir e explicar tudo numa grande teoria global.

### **Manuela Alvarez**

Departamento de Antropologia  
Universidade de Coimbra  
3000-056 Coimbra, Portugal  
alvarez@ci.uc.pt

Daly, M.; Wilson, M. 2001. *A verdade sobre Cinderela: uma visão darwiniana do cuidado parental*. Coimbra, Quarteto Editora. (Tít. original: *The Truth About Cinderella: A Darwinian View of Parental Love*, 1999). 80 p. (Darwinismo Hoje). ISBN 972-871-713-X. € 7,50.

Smith, J. M. 2001. *Modelando a vida: genes, embriões e evolução*. Coimbra, Quarteto Editora. (Tít. original: *Shaping Life: Genes, Embryos, and Evolution*, 1999). 57 p. (Darwinismo Hoje). ISBN 972-871-715-6. € 7,50.

A importância da teoria da evolução de Darwin está claramente estabelecida na Biologia e áreas afins, como a Antropologia Biológica. Como escreveu Theodosius Dobzhansky (1973)<sup>1</sup>, nada em Biologia faz sentido

---

<sup>1</sup> Dobzhansky, T. 1973. *Nothing in Biology makes sense except in the light of evolution*. [http://www.pbs.org/wgbh/evolution/library/10/2/1\\_102\\_01.html](http://www.pbs.org/wgbh/evolution/library/10/2/1_102_01.html) [Acedido em Novembro de 2002].

sem ser à luz da evolução. Contudo, dadas as suas implicações sobre a nossa compreensão do Homem, da sua origem e do seu comportamento, a penetração desta teoria em outras áreas do conhecimento, particularmente, na Antropologia Social e Cultural e nas ciências sociais, em geral, tem merecido enormes resistências.

É evidente que toda e qualquer discussão sobre a evolução humana e a sua natureza tem implicações sociais, políticas e éticas muito significativas. Somos naturalmente sensíveis a saber se o nosso comportamento é mais ou menos facilmente modificável. Trata-se, assim, de um assunto sensível, cuja abordagem deve ser cautelosa e solidamente fundamentada (Laland e Brown, 2002)<sup>2</sup>.

O Homem é uma espécie de mamífero, um primata, resultado de milhões de anos de evolução que moldaram e definiram a sua natureza biológica e as principais características que hoje possui. A posição bípede, a grande destreza manual, o aparelho vocal, a arquitectura e dimensão do nosso cérebro, são todas características resultantes dessa evolução recente que define a nossa singularidade. Outras, como a amamentação feminina, o controlo hormonal dos comportamentos agressivos ou sexuais, ou a visão colorida são mais antigas e herdadas de antepassados comuns a muitas outras espécies. Por muito diferentes que pareçamos ser das outras espécies, convém lembrar, por exemplo, que diferimos apenas em 2% dos nossos genes dos chimpanzés, os nossos parentes vivos mais próximos. Certamente uns dois por cento muito importantes. Mas, mesmo assim, apenas isso. Todas aquelas características são, contudo, adaptações, resultantes da selecção de características que mais favoreceram a sobrevivência e reprodução daqueles que as possuíam. A compreensão profunda da razão de ser dessas características só faz sentido à luz da evolução e da história evolutiva da espécie.

Consciente da importância e da necessidade de trazer ideias e conhecimentos recentes da área da evolução até outras áreas intelectuais, nomeadamente das ciências sociais, Helena Cronin e Oliver Curry, da *London School of Economics*, organizaram um conjunto de colóquios, com evolucionistas reputados, para falarem das ideias evolucionistas recentes e as suas aplicações, sob a designação de *Darwinism today*. Os dois livros que aqui

---

<sup>2</sup> Laland, K.; Brown, G. 2002. *Sense nonsense. Evolutionary perspectives on human behaviour*. Oxford, Oxford University Press.

se recenseiam são parte de um conjunto de pequenos livros de bolso, resultantes dessas conferências. O seu formato é um indicador claro de que os textos pretendem ser acessíveis a um público muito vasto, quer pela extensão, quer pela inteligibilidade que será suposto terem – e realmente têm.

De facto, os autores conseguem um exercício extraordinário de contenção e capacidade de síntese, ao apresentarem simplifadamente, mas sem distorções, alguns conhecimentos fundamentais, ou importantes discussões científicas actualmente em curso.

As duas obras que se comentam abordam conhecimentos distintos. John Maynard-Smith, um dos maiores evolucionistas vivos, delicia-nos com as fantásticas implicações que o vertiginoso crescimento do nosso conhecimento em biologia do desenvolvimento tem sobre a compreensão da organização e a evolução dos organismos. Martin Daly e Margot Wilson fazem uma síntese da sua própria investigação sobre uma abordagem darwinista da violência familiar, particularmente a dirigida aos filhos, naturais ou adoptivos, na nossa espécie, tendo chegado a conclusões que muito abalaram as nossas concepções e preconceitos sobre o amor filial.

No caso destes últimos autores, trata-se da apresentação de um resumo das suas investigações de quase duas décadas sobre o comportamento social humano, através de uma grelha de interpretação evolutiva. Falam-nos das muitas histórias do tipo ‘cinderela’, em que os pais adoptivos aparecem invariavelmente como os maus da fita. As suas investigações sobre violência familiar dirigida às crianças, revelaram que ter um pai adoptivo é o maior factor de risco de maus tratos infantis até hoje descoberto. Ao longo do texto, os autores explicam como tiveram que lidar com os preconceitos existentes nesta área, como foi necessário limpar o terreno, ter os maiores cuidados metodológicos para, finalmente, se começar a ver claro sobre o assunto. É um interessantíssimo exemplo da aplicação da metodologia científica ao estudo do comportamento humano. Apenas a tradução, pouco cuidada, merece reparo.

O livro de Maynard-Smith é uma excelente introdução ao que a biologia do desenvolvimento tem permitido perceber sobre a formação dos organismos. Como é que um conjunto de instruções codificadas no núcleo das nossas células pode originar células nervosas no cérebro, ou hepáticas no fígado, e não o inverso? Como é que o genoma determina que tenhamos apenas dois pares de membros e não três como nos insectos, ou dezenas como nas centopeias? Algumas destas perguntas já têm respostas, ou respostas parciais. Outras ainda não, mas o caminho começa a ser conhecido.

O autor aproveita o tema para discorrer sobre epistemologia e mesmo filosofia. Há duas perspectivas em conflito sobre como se desenvolvem padrões complexos: a da informação e a da auto-organização. Uma é reducionista, a outra é, até certo ponto holista. Maynard-Smith esclarece porque entende que a adaptação só pode ser explicada pela selecção natural e pelo que ela seleccionou ao longo de milhões de anos: milhões de bits de informação. Mas, também concede como será importante que os 'informacionistas' dêem atenção a algumas das sugestões dos 'auto-organizativos', nomeadamente pela importância que os gradientes têm nos processos de diferenciação e desenvolvimento.

Dois leituras altamente recomendáveis, que servirão certamente para conduzir a outras, mais detalhadas.

### **Paulo Gama Mota**

Departamento de Antropologia

Universidade de Coimbra

3000-056 Coimbra, PORTUGAL

pgmota@ci.uc.pt

Duarte, S. Cardoso 2002. *Saberes de saúde e de doença: porque vão as pessoas ao médico?* Coimbra, Quarteto. 130 p. (Educação e saúde; 3). ISBN 972-871-719-9. € 10,50.

O tema da saúde, com todo o cortejo de áreas de interesse que o intersectam ou dele partem (como o corpo, as representações sociais do acto médico, os valores sociais e a medicação, repercussões e incidências sociais da bioética, a profissionalização dos grupos ocupacionais ligados aos cuidados de saúde, entre muitos outros), cumpre uma pena de invisibilidade no panorama da edição nacional. Como território relativamente recente de especialização e de pesquisa nas ciências sociais em Portugal, a sua juventude pode funcionar como factor explicativo, não o único, porventura nem sequer o mais determinante, da parcimoniosa presença de resultados de estudos e projectos de investigação nos escaparates ou nas recônditas estantes das livrarias. Produto também de um sistema editorial e livreiro frágil e pouco audaz no âmbito mais geral da edição científica, os livros sobre o universo da saúde numa perspectiva das ciências sociais são ainda escassos. O estudo de Susana Duarte, docente da Escola Superior de